

A *métis* grega, a caça perfeita e a pesca ou “como não ser um dissimulador”

Profª Drª Ana Livia Bomfim Vieira¹

Submetido em 05/2017

Aceito em 05/2017

RESUMO:

Este artigo objetiva analisar o lugar da *métis* – astúcia e inteligência prática - na diferenciação entre a caça terrestre, aristocrática e a “caça” marinha, a pesca para comércio e sobrevivência. Esta diferenciação valorizava uma em detrimento da outra, deixando a atividade pesqueira em um lugar de ambivalência social, pesando sobre ela, também, o imaginário de mistério e perigo que envolvia o mar.

Palavras-chave: *Métis* – Caça – Pesca – Grécia Clássica

ABSTRACT:

This article aims to analyze the place of *metis* – cunning and practical intelligence - in the differentiation between terrestrial hunting, aristocratic, and marine hunting, fishing for trade and survival. This differentiation valued one to the detriment of the other, leaving the fishing activity in a place of social ambivalence, weighing on it, too, the imaginary of mystery and danger that enveloped the sea.

Keyword: *Métis* - Hunting - Fishing - Classical Greece

¹ Profª Adjunta de História Antiga da Universidade Estadual -do Maranhão e do programa de Pós Graduação História, Ensino e Narrativas da UEMA. Coordenadora do *Mnemosyne*. Laboratório de História Antiga e Medieval da UEMA e membro do *Nereida* - Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade da UFF e do NEMHAM – Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval da UEMASUL.

A *métis*² é um saber, uma sabedoria, uma forma particular de inteligência. Mas não é um conhecimento apreendido na concepção comum do termo. Ligada intrinsecamente a uma prática ela é também prudência, astúcia, improviso e artifício. Ela entra em cena e se faz necessária justamente quando a força física não pode ou não deve ser empregada para o sucesso de uma atividade. Ela é exercida sobre o terreno do ambíguo, do que está em movimento, em trânsito (DETIENNE e VERNANT, 1974, 19-26). Onde duas forças antagônicas se encontram e se enfrentam: homem/animal, homem/natureza. E por isso ela é múltipla e diversa. Um homem possuidor da *métis* tem uma sabedoria que é variada e que lhe permite um grande leque de recursos, de desembaraços para as situações críticas ou para o melhor exercício de um ofício. Neste artigo, trataremos de identificar a *métis* associada à atividade da pesca, usando como contraponto a caça. Esta oposição é aqui apreendida pois, para os gregos, a caça propriamente dita não incorporava a atividade da pesca, ou pelo menos, a maior parte do que comumente entendemos como pesca. Esta era tida, pelo olhar social representado, sobretudo, nos documentos textuais como inferior, como uma atividade da qual o cidadão deveria se afastar. E esta perspectiva recai sobre os pescadores, associando a eles um estatuto ambivalente e perigoso.

A *métis* do pescador

Dentro do universo da pesca, assim como no da caça, a *métis* possui um papel central decidindo vitórias e derrotas, escolhendo quem é caçador e quem é presa. Muito mais do que o tamanho, a força física ou a inteligência erudita será a *métis*, astúcia e inteligência prática, que fará a diferença. É ela que inverte a regra e permite que o mais forte nem sempre saia vencedor.

Os animais também, e não somente os homens, possuem uma *métis* que os permite se desvencilhar de uma armadilha, perceber que estão sendo perseguidos enganando seu algoz e saindo ileso, livre, enfim, vitorioso. E dentre estes animais estão os marinhos. Os animais marinhos são seres plenos de astúcia, capazes de utilizá-la não somente para conseguir devorar uma vítima como para não ser aprisionado (OPPIEN, *Haliutica*, II, 86-98; 232-233). Portanto, para sair vencedor o pescador precisa ser mais

² *Métis*, na mitologia, foi uma deusa da primeira geração, filha de Oceano e Tétis e primeira esposa ou amante de Zeus. Foi, mais tarde, engolida por Zeus, possibilitando o nascimento de Atena.

astuto, sua *métis* precisa prevalecer sobre àquela dos animais marinhos. Mas, no que consiste, exatamente, a *métis* do pescador? A partir do trabalho fundamental de Vernant e Detienne (1974), podemos aferir as características desta inteligência para, mais tarde, compreendermos porque ela contribui, no caso dos pescadores, para o seu estatuto ambivalente e ameaçador. A primeira delas seria a agilidade e, por extensão, a flexibilidade, rapidez e fácil mobilidade. O pescador deve conseguir correr com rapidez, saltar de uma rocha a outra com facilidade, possuir agilidade de movimentos, ser, enfim, mais ágil e sagaz que sua presa (OPPIEN, *Halieutica*, III, 29-49).

O talento para a dissimulação, ou seja, para “ver sem ser visto” é outra característica necessária ao pescador. Eles devem se deslocar com agilidade e rapidez sim, contudo de forma discreta e silenciosa. Devem ser capazes de, se necessário, permanecerem imóveis por longo tempo (OPPIEN, *Halieutica*, III, 426-431. E ARISTÓTELES, *História dos Animais*, IV, 8, 533b), o que, aliás, obriga a estes homem terem uma ótima forma física também. O pescador deve ser ele próprio uma armadilha, já que o mundo marinho é pleno de seres sensíveis que espreitam e suspeitam do perigo com grande facilidade (PLUTARCO, *De sollertia animalium*, 976 c-d).

O pescador deve ter, também, entre suas qualidades a vigilância. Ele precisa estar sempre alerta sem perder a atenção de sua presa e da armadilha. Ele não pode cair na tentação de relaxar ou dormir afinal, segundo Oppien (*Halieutica*. III, 45-46, 49), os peixes não dormem nunca. A vigilância é um dos segredos do bom pescador. Todas as qualidades do pescador, a mobilidade, a rapidez, a vigilância e a dissimulação são sua *métis*. Elas garantem os bons resultados. Todos esses atributos foram definidos por Oppien. O bom pescador é caracterizado como um mestre em sutileza, fineza, agudeza: “É preciso ao pescador um espírito pleno de sutilezas (*polupaípalos*) e de prudência (*noémon*) porque os peixes, pegos de repente em uma armadilha, imaginam mil astúcias para escapar” (OPPIEN. *Halieutica*. III, 41-43).

Detienne e Vernant chama a atenção para o fato de que esta expressão é análoga a uma série de outras que fazem uma associação entre astúcia e a ideia de multiplicidade: *polútropos*, que designa ao mesmo tempo a inteligência do polvo e do homem possuidor da *métis*; *polúmétis*, que é o epíteto de Ulisses, de Hefestos e de Hermes (DETIENNE e VERNANT, 1974, p.39) sendo este último o deus das chances inesperadas, do imprevisto e, também, aquele que como o pescador, não dorme nunca. Ele personifica a eterna vigília e vigilância. Hermes é rápido e astuto, assim como um

pescador deve ser. E não nos espanta, portanto, porque Hermes é uma das divindades mais honradas pelos pescadores.

O pescador seria, portanto, detentor de uma inteligência que estava presente também nas suas presas (ARISTÓTELES, Geração dos Animais, I, 720b, 34; 756a 32-756b 5). É uma inteligência moldável, maleável, flexível, com grande capacidade de se camuflar e se adaptar. Em outro aspecto da *métis*, ela é o tipo de inteligência manifesta nos políticos, sobretudo nos sofistas (DETIENNE e VERNANT, 1974, p.47). É o discurso que enlaça os adversários como os tentáculos de um polvo. É saber de adaptar às situações as mais difíceis, trocar de opinião conforme a situação, usar a palavra como uma armadilha, enredando seus oponentes e tornando possível que o argumento mais fraco vença (DETIENNE e VERNANT, 1974, p.50-51). Podemos entender, portanto, porque Platão deprecia a pesca, qualquer que seja ela:

Amigos, possam vocês jamais serem pegos pelo desejo nem pelo amor pela caça do mar nem pela pesca com anzol, ou, de uma maneira qualquer, pela perseguição dos animais aquáticos; nem enfim, pela caça preguiçosa, onde as armadilhas, esteja você dormindo ou acordado, farão o trabalho duro por você (...) pouco digna é uma caça onde o trabalho e pausas se alternam, onde é com a ajuda de redes e de armadilhas, não pela vitória de uma alma que vela, que é domada a força selvagem das bestas (Platão. As leis. 823d-e-824^a).

O pescador encarnaria um tipo de saber, de inteligência, completamente oposta àquela dos filósofos, àquela esperada na sua cidade das *leis*. Associada aos sofistas, essa *métis* do pescador está relegada ao mundo das aparências. Contudo, ela pertence também ao caçador. E Platão não deprecia a caça e muito menos o homem que lança mão dela.

Verificamos então, que o pescador possui uma *métis* que lhe confere um caráter de maleabilidade e de flexibilidade que reforça sua ambivalência. Contudo, o caçador, ou seja, o homem que costumamos identificar como um caçador, aquele da caça terrestre, possui, ou deve possuir para ser um bom caçador, exatamente as mesmas características de astúcia e dissimulação. Mas, ao contrário do homem do mar, o caçador terrestre não sofre com os mesmos olhares de desconfiança. Logo, uma primeira questão que se coloca é: a pesca era considerada uma caça? E a resposta é sim. Contudo não uma caça como as outras.

A caça perfeita

A atividade a qual os gregos nomeavam *Théra* - caça com perseguição e combate demanda um nível de organização de grupo bastante estruturada que permita que a necessidade de cooperação mútua seja atingida, afinal, eram grandes os perigos. Ainda não se tratava da caça aristocrática aos animais de grande porte e sim uma organização que une vida pastoral e a caça, muito mais com o intuito de defesa do rebanho. Contudo, segundo Schnapp (1997), a “cultura dos caçadores-pastores” vai fundamentar a noção de vida em uma comunidade de cidadãos.

A caça clássica, aristocrática, ao contrário, é vista como uma atividade distintiva. Ela é baseada em valores de coragem e honra que a sustentam e a justificam. Ela era apreciada desde pelo menos o século VIII por difundir códigos de comportamento que facilitavam a supremacia do homem/civilização sobre o animal/selvageria. Homero teve, em seus poemas, uma grande preocupação em mostrar e valorizar este tipo de caça associada por ele aos *arístoi*. Este grupo era relacionado e vinculado aos heróis caçadores e, portanto, pertenciam ao universo de uma caça lendária, mítica, de enfrentamento aos animais tidos como os mais bravos e ferozes, como o leão ou o javali, animais esses que nem mesmo existiam no território ático. O caçador, na verdade, deveria assemelhar-se a sua presa, dito de outro modo, a presa deveria estar à altura do caçador. O modelo de animal representado pelo leão, por exemplo – forte, corajoso, artiloso, hábil – servia de referencial para a categorização do bom caçador e, logo, do bom guerreiro. Era o homem que seus companheiros de fileira na batalha gostariam de ter ao lado (HOMERO, *Ilíada*, XI, 407-408). Nos textos gregos, a coragem valorizada pressupunha o enfrentamento ao perigo face-a-face, olho no olho. Era o ideal *hoplita* de cidadãos-guerreiros que privilegiavam o combate em fileiras cerradas, ombro a ombro. Que defendiam o território cívico dos ancestrais. Ao *hoplita* era associada à caça ao animal terrestre de grande porte, a disciplina que garantia a vitória e a vida do companheiro de sua fileira. A caça era uma preparação do soldado para a guerra. Homero já valorizava o bom caçador como um bom guerreiro, sendo este capaz de manter a segurança da comunidade.

Esta atividade é, no entanto, violenta. E a violência, a bestialidade precisava ser contida. Assim sendo, a caça é uma atividade que se situa entre o permitido e o proibido, a civilização e a selvageria. Logo, o caçador era um homem perigoso, pois lidava com uma violência que, se não fosse controlada, poderia trazer a desagregação a todo o corpo cívico. Afinal, a fronteira entre homem/animal, selvagem/civilizado é

frágil, sensível, reversível (SCHNAPP, 1997, pp. 33-41). Não é um *status* dado. Ele precisa ser conquistado e reforçado sem descanso. É preciso uma eterna vigilância tanto por parte do caçador, como por parte do conjunto da comunidade *políade*.

A caça era uma atividade pertencente a um poderoso imaginário do qual fazia parte heróis como Hércules, símbolo desta violência capaz de vencer a bestialidade que faz parte de todo *polítes* (SCHNAPP, 1997, pp.35-36). É claro que Hércules escapa ao ideal do cidadão-hoplita já que emprega o arco e a lança, já que combate “de longe”. Mas para o cidadão ateniense, sobretudo aquele da cidade, Hércules foi o homem que espantou o “monstro” da barbárie e da selvageria animal contribuindo para a construção de uma sociedade hierarquicamente ordenada.

Dentro desta perspectiva, Aristóteles indicava aos homens, cidadãos, que encontrassem seus lugares sociais na relação entre os animais domésticos, os selvagens e as plantas, para que pudessem pertencer a vida *políade* (ARISTÓTELES, Política I, 1256a b). Era preciso domar a besta que existe dentro de cada um. E a caça tornava-se, então, uma violência consentida que transformava o homem em cidadão. A caça é para os atenienses, portanto, um dos fundamentos da vida em sociedade. É o dado que distingue o homem dos animais e, por conseguinte, os cidadãos dos demais grupos sociais – escravos, estrangeiros - e os gregos dos bárbaros (SCHNAPP, 1997, pp.17-22).

A poesia homérica desvela os dois tipos de caça presentes (ou conhecidas) no cotidiano dos atenienses. Uma seria esta caça heróica, *thera*, aristocrática, que ainda no período clássico gozava de todas as honras e simbolizava a virtude do cidadão-hoplita. Era uma caça solitária, sem armas ou armadilhas, onde a força e a destreza do caçador seriam as suas únicas aliadas e o animal igualmente valoroso, depois de vencido, coroaria seu êxito. Podemos notar que ela está eminentemente presente na *Ilíada*, por exemplo, onde a imagem do guerreiro notável é onipresente.

A segunda seria a caça dos homens comuns, aquela que proporcionava a aquisição de alimentos. *Agra* (caça por captura) é apresentada basicamente na *Odisséia*, onde o herói Ulisses e seus companheiros são por vezes obrigados pelas circunstâncias a lançar mão da caça não-digna. O processo de desestruturação do herói o leva a práticas distantes do grupo ao qual ele pertence e o aproxima do mundo selvagem. A caça como aquisição de alimento, como prática visando a sobrevivência estava completamente fora dos ideais aristocráticos e, para um herói como Ulisses, ela só se fez presente pela necessidade. Quando o herói com sua desmedida desrespeitou Poseidon, ele ultrapassa

os limites impostos pela cultura para a conduta do bom guerreiro cidadão. Quando a fronteira onde a caça está localizada, a do prazer-prestígio-civilidade/perigo-contaminação-selvageria é violada, acarreta duras consequências tanto para o caçador-cidadão, como para a sociedade na qual ele está inserido (VERNANT, 1988, pp.19-20).

Esta discussão sobre a caça clássica, tradicional e aristocrática teve o intuito de demonstrar seus principais aspectos, pois é, basicamente com ela, que a pesca vai ser comparada. E não é para menos, já que possuem a mesma *métis*, os mesmos instrumentos (sim, porque a caça solitária e sem armas fazia parte somente de um ideal mítico), algumas técnicas em comum e dividem basicamente o mesmo termo, o de caça. Gostaríamos de analisar a partir daqui as questões que apontam para o entendimento do estatuto do pescador na Atenas do período clássico visto que, ele estaria intrinsecamente ligado àquele da pesca. Observaremos como duas atividades que começam tecnicamente paralelas, pegam caminhos diferentes a partir do olhar da sociedade que a observa e a classifica. Entraremos na seara dos indícios e das razões pelas quais o pescador, acreditamos, possuía um estatuto ambivalente.

A pesca como uma caça

O pescador era visto como um caçador. A relevância desta questão se apresenta porque ratifica a opção por associar a pesca com a caça, e não com as atividades rurais, por exemplo, o que contribui para a compreensão do seu lugar social. Além disso, sabemos que esta afirmação não é por si só evidente, já que mesmo para os gregos havia um termo para designar a pesca. Portanto, torna-se interessante percebermos que apesar das evidentes discrepâncias de *status*, as duas atividades pertenciam a um mesmo universo.

Uma primeira questão se impõe, embora não a consideremos o cerne de nossa análise. Quando falamos de pesca estamos falando de uma atividade econômica que requer esforço e trabalho penoso. Logo, não podemos fugir ao assunto da noção de trabalho em Atenas no período clássico. É claro que não iremos aqui nos alongar sobre questões já conhecidas, mas é preciso esclarecer que a atividade na qual nos interessamos possuía certas ambivalências neste domínio também.

A pesca possuía um relevante lugar na economia da *pólis* ateniense. Mas, como apontou Aristóteles, uma *pólis* não poderia ser formada somente por trabalhadores (ARISTÓTELES, Política. III, 1280 b 20). Qualquer atividade considerada somente pelo seu aspecto econômico não seriam dignas da comunidade política. A coesão social

se daria fora do espaço do exercício dos ofícios, embora tenhamos consciência que Atenas era uma cidade muito mais “comercial” do que imaginávamos até alguns anos atrás. No entanto, o ideal continuava sendo àquele do *polítes* que não precisava do trabalho duro para sobreviver. Nesta perspectiva idealizada, o pescador não se encaixava. Mas o trabalho na agricultura, no comércio, o dos curtidores, dos sapateiros, etc, também era trabalho árduo e que subtraía o homem da participação política. O que marcava, então, a inferioridade do pescador? O que sua atividade árdua tinha de especial?

Assim como o agricultor no trabalho dos campos, o pescador realizava uma atividade que não pressupunha a transformação da natureza, e sim uma conformação e compreensão de seus sinais. E quando falamos de natureza, da *phýsis*, é aos deuses que estamos nos referindo.

Como na agricultura (XENOFONTE, *Econômico*, XVII, 3), na pesca a dependência dos deuses é absolutamente necessária. É com a ajuda deles que o pescador consegue êxito na sua empreitada e, portanto, assim como a agricultor, era preciso que ele os honrasse. O mar, lar e domínio de Poseidon e de mais outras tantas potências marinhas, todas tão admiradas quanto temidas por sua ambivalência, era muitas vezes um adversário difícil de ser vencido. Era preciso, logo, manter as boas relações com os deuses, mas não somente isso. Era preciso saber empregar da melhor forma possível as técnicas de pesca.

No período clássico ainda podemos perceber um ideal do trabalho na terra como sendo uma atividade com um “quê” de divino, onde as forças da *phýsis* quando respeitadas e devidamente honradas, fariam transparecer o homem honrado (XENOFONTE, *Econômico*, XX, 14), pois a terra lhe daria seus frutos. Logo, as técnicas e qualquer conhecimento mais específico teriam um lugar secundário para o sucesso. O que não era verdade de forma nenhuma para um pescador.

Xenofonte usa o exemplo do pescador quando quer mostrar que para ser um bom profissional, não é preciso um grande conhecimento específico (XENOFONTE, *Econômico*, XVI, 7, 2). E para isto utiliza termos que seriam mais adequados à prática da agricultura. “Colher”, neste caso, estaria muito mais relacionado a um sentido de “coleta”, de retirar o que a terra ou o mar nos dão sem grandes necessidades de conhecimentos. Isto demonstra as várias imagens ambivalentes as quais o pescador estava associado. Para o autor de o *Econômico*, o pescador era alguém que não

precisava ter uma preparação específica para exercer o seu ofício. A pesca não está ligada a nenhuma idealização, nem enquanto atividade de sobrevivência, como a agricultura, nem como uma caça superior. Portanto, o trabalho do pescador é visto tal qual ele se apresenta: duro, árduo e perigoso. O sucesso na pesca não o faz um cidadão melhor, um *polítes* honrado. Faz dele somente um bom pescador. Mas suas técnicas e conhecimentos, ao contrário do que acredita Xenofonte, são tudo para ele. É claro que estes homens como todos os seus concidadãos, são tementes aos deuses e evitam a todo custo que estas potências se voltem contra eles. No entanto, sair para o alto mar no inverno é um perigo e anúncio de possíveis tristezas. Portanto, ele precisa conhecer o espaço em que atua e, se estamos falando do mar, conhecê-lo é saber do imponderável, do que é bom e cruel ao mesmo tempo. E é preciso conhecer as técnicas para uma pesca frutífera.

O sucesso na pesca é procurado também porque a pesca era relevante dentro das atividades econômicas desta comunidade. Mas uma atividade que não era imbuída de uma aura de culto “em sí”, como era o caso do trabalho na terra (VERNANT e NAQUET, 1989, p.17) e ao mesmo tempo baseava-se na busca pela sobrevivência, não poderia usufruir de um status muito elevado. A pesca era ao mesmo tempo uma atividade ‘dependente’ das forças divinas, logo, extremamente introduzida no âmbito religioso, mas com um caráter extremamente comercial e técnico. Sem contar que as atividades ligadas ao mar e aos portos eram extremamente mal vistas (ARISTÓTELES, Política, VII, 1327b, 8-9; PLATÃO. As leis. IV, 705 a-b). Em resumo, o pescador lidava, de um lado, com um desprezo por sua atividade enquanto mera atividade de sobrevivência, como outras. Por outro, lidava com a indiferença incompatível com um profissional temente aos deuses e que realiza um ofício perigoso, que requer coragem e boas relações com os deuses. E, além disso, na comparação caça terrestre/ caça marítima, ele sai sempre perdendo. Ser ‘caça’ e ter os mesmos instrumentos que a caça terrestre, não faz daquele que caça no mar alguém valoroso. Esta contradição nos aponta para uma relação mais complexa no que diz respeito ao lugar social do pescador pois, sendo ele um caçador e não tendo ele o mesmo status que o caçador tradicionalmente reconhecido como tal, é necessário determinar o que o aproximava deste universo e o que, ao final e ao mesmo tempo, o rejeitava relegando-o à um lugar social de trânsito.

Um dos aspectos que mais aproxima as duas atividades é o instrumental. Pescadores e caçadores dividem, basicamente, o mesmo conjunto de artefatos e

instrumentos utilizados para a captura de animais. Mas isso não é nenhuma novidade. A questão é que o juízo de valor empregado nos textos quando o instrumento de trabalho mencionado pertence ou é associado ao universo da pesca. Este juízo de valor é, na maior parte das vezes, depreciativo ou mesmo negativo criando uma imagem inferiorizada para quem o utiliza. Estes dados podem ser aferidos na utilização de algumas metáforas, por exemplo, em relação à utilização da rede. A atividade do pescador, principalmente relacionada a pesca com rede, é nomeada, desde Homero, metaforicamente, como uma prática não-nobre, uma prática ardilosa, que engana e não permite à vítima uma chance de defesa e de fuga. Em Homero e nas tragédias do IV/V século, nomeadamente Ésquilo e Sófocles, a rede é essencialmente a arma do traidor, do covarde, daquele que não enfrenta face a face. Que captura de forma ardilosa e mata suas vítimas de maneira cruel.

Homero nos brinda com algumas dessas referências. Na Odisséia, o poeta lança mão de algumas imagens ligadas ao pescador e às suas práticas para narrar episódios de violência e morte. Quando Skylla ataca o barco onde estavam Ulisses e seus companheiros, por exemplo, Homero a descreve agindo como um pescador (HOMERO. Odisséia.12, 250-255). Os companheiros de Ulisses são comparados a peixes na forma como são atraídos e pegos pelo pescador. A imagem é de uma grande cilada e o resultado desta é a morte das presas enganadas. E ele não para por aí. Identificamos a representação do que seria o resultado de uma pesca com rede sendo usada como metáfora para o massacre dos pretendentes de Penélope. A imagem é de sangue e de uma cruel violência:

Pôs-se, também, Ulisses a espiar pela sala sonora se vivo alguém se encontrava escapando do tenebroso destino. Mas todos estavam deitados sobre a lama e o sangue: sob seus olhos, que multidão! Como peixes, que às praias alagadas os pescadores tiraram do mar espumoso; nas malhas da rede, sobre a areia, aos montes voltavam-se em direção a onda amarga, e o fogo do sol lhes retira o fôlego(...) (HOMERO, Odisséia, 22, 384-385)

A pesca é apresentada, e com ela o pescador, como uma atividade de enganadores. Sua atividade é representada, essencialmente, como a atividade do mentiroso, daquele que espreita sua vítima procurando o momento certo do qual ela não poderá escapar. Às vezes ele é mesmo comparado a um assassino. Ésquilo, para descrever o assassinato de Agamêmnon, utiliza a imagem da rede para descrever o ato

vil e traidor do qual o rei foi vítima: “(...) Que vejo eu? Não é uma rede do inferno?(...) mas não, a verdadeira rede é a companheira do leito transformada em cúmplice de assassinato (ÉSQUILO, Agamêmnon, 1115). Traidora é a rede e é Clitemnestra, sendo esta última compara ao objeto ardiloso que imobiliza de surpresa e do qual a vítima dificilmente pode escapar. E neste caso a vítima era o herói Agamêmnon.

Sabemos que a rede era um instrumento utilizado também pelo caçador terrestre, e, sendo assim, porque a rede mencionada não seria uma rede de caça? Neste ponto divergimos de Alan Schnapp (SCHNAPP, 1997, pp. 80-82). Para o autor, a rede que “captura” Agamêmnon é a do caçador e não uma rede de pesca. Contudo, o detalhe que não podemos esquecer é que a rede captura Agamêmnon quando ele está na banheira. Foi atraído dentro d'água, como um peixe o é pelo pescador que joga a rede e o paralisa. Clitemnestra personifica, neste momento, toda a *métis* do pescador:

Contemplo, enfim, o resultado favorável de planos pacientemente preparados. Estou aqui exatamente no lugar em que seguida e firmemente o golpeei no cumprimento de missão apenas minha. Os fatos foram estes, não irei negá-los: a fim de obstar qualquer defesa ou reação em tentativa de fugir ao seu destino, emaranhei-o numa rede sem saída, como às de pegar peixes, mas para ele um véu fértil em desgraças. (ÉSQUILO, Agamêmnon, 1380-1385)

As mesmas referências estão presentes nas obras de Sófocles (Ájax. 876-880) e nas peças do comediógrafo Aristófanes (As vespas. 163; 207-209; 368-369), que usa a rede também como instrumento de aprisionamento. Todavia, Platão será, sem dúvida, o principal crítico da *métis* do pescador. Convenientemente esquecendo que ela é a mesma do caçador e que, os tipos que ele hierarquiza e condena têm o seu correspondente para a caça terrestre. Inicialmente, convém lembrar que Platão hierarquiza também as espécies animais. Para Platão, eles seriam o resultado de metamorfoses humanas³. E se o status do caçador tem como uma das suas variáveis o grau de valor da presa, logo, o pescador seria o mais inferior destes, pois os animais aquáticos são classificados por Platão como os mais parvos (Timeu, 92b-92c). Desta forma é possível perceber que a pesca é denegrada tanto pelos instrumentos que utiliza como pelo local onde é realizada.

³ No diálogo *Timeu* Platão apresenta o que ele chama de “mito verossímil” para a origem do universo e do homem. Dentro desta perspectiva, o autor apresenta a metamorfose sofrida por alguns tipos de homens, provocada pelos deuses, em animais. As quatro espécies seriam, de forma geral e em ordem de importância: os pássaros, provenientes de indivíduos inofensivos, porém frívolos, dados às coisas celestes; os animais selvagens; nascidos dos homens pouco afeitos à filosofia; os répteis, homens mais inferiores dentre os selvagens; e por último, os animais aquáticos.

Assim, as mesmas técnicas e os mesmos instrumentos podem produzir dois tipos de caçador tendo diferencial, além da atuação no mar, o uso da *métis*. Sim, porque existe um diferencial no uso desta inteligência prática que condena o pescador a ser ora preguiçoso, ora perigoso. A mesma *métis* faz da caça terrestre uma atividade honrada, e da caça no mar uma atividade ambivalente, portanto, olhada com desconfiança.

Primeiramente, podemos dizer que a *métis* pertence eminentemente a um imaginário marinho. Métis é uma divindade da primeira geração, filha de Oceano, personificação da águas que cerca a terra, pai de todos os rios (HESÍODO, Teogonia, 133, 337; HOMERO, Odisséia, XI, 13, 639; XII, 1; ÉSQUILO, Prometeu, 136, 793) e Tétis, divindade que personifica a fecundidade feminina do mar (HOMERO, Ilíada, XIV, 201; HESÍODO, Teogonia, 136, 237). Deusa da prudência e ao mesmo tempo da astúcia, deu a Cronos a droga que fez com que vomitasse os filhos que havia engolido (HESÍODO, Teogonia, 167; 485; 617; PAUSANIAS, Descrição da Grécia, V, 7, 6-10; VIII, 36, 2) e, mais tarde, para que a filha que esperava não destronasse Zeus, foi engolida por esse propiciando assim o nascimento de Atena (HESÍODO, Teogonia, 886; EURÍPIDES. Íon. 545). Não sabemos de um culto à Métis realizado pelos gregos e o relato principal sobre ela e o seu papel de primeira esposa de Zeus aparece basicamente em Hesíodo. Mas não podemos negar o lugar relevante que ocupa não só na construção da soberania do mais poderoso dos deuses como, também, no imaginário da *pólis*. Podemos observar, portanto, que a deusa Métis possuía uma relação bastante intrínseca com o elemento líquido. Era fruto, ao mesmo tempo, do mar fecundo, fértil, feminino, e do mar sem limites, poderoso, dominador, masculino. Dessa união, nascem a prudência e a inteligência prática, características capazes de enfrentar um meio ambivalente hostil como o mar. Métis, a deusa, é ela mesma movimento, mudança constante, tendo a capacidade de se metamorfosear (APOLODORO, Biblioteca, I, 3, 6). Segundo o mito referente à deusa, ao devorar Métis, Zeus detém a astúcia em seu interior, agora limitada, controlada, civilizada⁴. A ordem que seria abalada com a vinda daquele que o destronaria permanece intacta. A deusa Métis é, portanto, a personificação do imprevisto. Como o mar. Sua “origem” marinha lhe confere esta ambivalência. E esta ambivalência é o que caracteriza a *métis* enquanto saber, astúcia e inteligência prática. O mundo marinho, portanto é pleno de movimento. E a ele estão também associadas às

⁴ Com Témis, sua segunda esposa, a personificação da ordem, do esperado, dos limites, Zeus ganha outro importante aspecto na construção de sua soberania.

ideias de infinito, de falta de limite e, logo, de desconhecido. E é assim a *métis* enquanto saber.

Utilizando a imagem do mito de Métis e Zeus, entendemos que a *métis* (saber) do pescador não possui freio, não obedece à regras sociais, ainda não foi “devorada” por Zeus, ainda não foi civilizada. Ao contrário da *métis* do caçador terrestre que, tendo sido “engolida” pela civilização, tem o papel de reforço desta. Ela está perfeitamente controlada e não oferece os perigos de uma *métis* selvagem como a do grupo dos pescadores. Acreditamos que a pesca é muito mais associada, dentro do imaginário *políade*, aos primeiros homens. Para estes, a caça, seja ela terrestre ou marinha, era eminentemente um modo de vida necessário, um meio de sobrevivência. Para a Atenas clássica, a caça terrestre possui a aura aristocrática de uma atividade nobre. A pesca, ao contrário, permanece ocupando o lugar de uma atividade “primitiva”.

Falamos de Hércules, herói civilizador. Caçador que vence a barbárie, *métis* devorada por Poseidon. Mas podemos também apontar Filoctetes, homem solitário, caçador para quem a caça é uma questão de sobrevivência. Charles Seagal sublinha este aspecto ‘necessário’ da caça em Filoctetes em contraponto à caça prestigiosa dos heróis. O autor trabalha a ideia do “primitivismo” em Filoctetes e de que ele seria um Hércules que não teria sido ainda alçado a categoria de herói (SEAGAL, 1981). Concordando com Seagal, gostaríamos contribuir com essa leitura do personagem.

Filoctetes, guardião das armas de Hércules, é abandonado na ilha de Lemnos onde padece por dez anos, solitário, de uma terrível ferida no pé. Mais do que a sua relação com Ulisses, o que nos interessa é a caracterização deste homem. Segundo Seagal (1981), na tragédia de Sófocles podemos observar o processo que o personagem passa levando-o da selvageria à civilização e, ele completa, o uso da caça serve quase como um sistema de classificação onde podemos verificar este caminho percorrido por Filoctetes. No entanto, a imagem construída de Filoctetes quando este ainda se encontra no espaço do selvagem pode ser aproximada daquela ligada ao pescador. Não estamos afirmando que Filoctetes era um pescador, o que queremos dizer é que a sua imagem de caçador “primitivo” é a mesma que identificamos para a representação do pescador: homem rude (SÓFOCLES, *Ájax*, 876-880), solitário, que leva uma vida sofrida (HERÓDOTO, *Histórias*, III. 42. 2-11) e vive de forma rústica. Sobrevive do que caça. Os dez anos passados na ilha forjaram este caráter em Filoctetes. A vida dura do pescador forja igualmente seu caráter. O isolamento do personagem e sua intimidade e

confiança bem maiores com os elementos naturais que o cercam que com os homens (SÓFOCLES, Filoctetes, 1080-1090), o aproxima do isolamento social vivido pelos pescadores, isolamento este imposto, em grande parte, pela sua extrema aproximação com o mar que, além de forjar seu físico até à exaustão (TEÓCRITO, Tirsis, 39-45), construía uma forma de lidar com este espaço bastante próxima do personagem apresentado por Sófocles.

Filoctetes busca sua sobrevivência através da caça (SÓFOCLES, Filoctetes, 40-45; 165; 285-295). Esta caça “necessária” é o que o aproxima do pescador. Este não usa sua atividade para alcançar um objetivo outro que não sustento, seja ele através do consumo direto do resultado da pesca ou através da sua venda.

Acreditamos, portanto, que o pescador está muito mais próximo da imagem do caçador “primitivo”, rude, pobre, que caça por necessidade, ligado a uma vida mais selvagem, isolado da comunidade de uma forma geral, muito mais próximo da natureza e seus pares, evidentemente. Somente este isolamento já seria o suficiente para lhe conferir um caráter ambivalente. Em uma sociedade do “ver e ouvir”, em que o seu igual é reconhecido nas relações “face-a-face”, o distanciamento produz uma ‘invisibilidade’ social que contribui para a construção de uma imagem de desconhecido. O desconhecido, para essa comunidade de lugares sociais hierarquizados, representava um perigo. O desconhecido poderia trazer contaminação ao corpo social. Mas ao mesmo tempo, este ‘desconhecido’ era alguém, ou um grupo, que fornecia alimento, que tinha seu lugar no sustento da *pólis*. Daí seu lugar social ambivalente. O pescador ocupava, na verdade e ao mesmo tempo, lugares contrários. Assim como o mar, ele ameaçava e nutria. E não era só isso. O pescador que parece ter um lugar tão óbvio está, na verdade, transitando o tempo todo por lugares contrários sem se fixar a nenhum deles, sejam estes lugares sociais ou geográficos. Consideramos relevante, neste momento, o delineamento de algumas questões.

Malagardi localiza a pesca no espaço da *chóra* ateniense. A autora argumenta que, assim como a caça, a pesca estava ligada a uma “economia arcaica”, portanto, ligada ao mundo rural (MALAGARDIS, 1988). Chevitarese acrescenta ainda que, por sua localização, a *pólis* dos atenienses é praticamente toda banhada pelo mar e que podemos afirmar que a pesca seria uma atividade localizada na *chora* (CHEVITARESE, 2000). Sobre este aspecto, Dumont acrescenta ainda que Atenas “anexou” as chamadas zonas de pesca ao espaço rural (DUMONT, 1981). Sobre isso, vários pratos de cerâmica ática

foram encontrados em cemitérios (oferendas votivas). Esses pratos serviam de suporte para a representação das mais diversas espécies marinhas (MCPHEE e TRENDALL, 1987). Além de fósseis de peixe e de animais marinhos em grandes santuários rurais (BODSON, 1975).

Entendemos por espaço rural uma área transformada pelo homem, com uma relativa dispersão da população onde haveria uma proeminência das atividades agrícolas; onde a terra seria tanto um instrumento de trabalho quanto uma forma de riqueza, valor ou status social (FARCY, 1975). É claro que não podemos confundir espaço rural com atividades agrícolas. E um exemplo disto é a *chôra* ateniense, onde podemos localizar outras atividades⁵.

Compreendemos que os vários autores citados localizem a pesca no espaço físico chamado *chôra* e é bastante tentador de chamá-la, pura e simplesmente, de uma atividade rural. Existem, afinal, e nós o sabemos, pontos em comum entre os pescadores e os camponeses, ou seja, agricultores, pastores, etc. E estas similaridades, no que diz respeito às respectivas atividades desempenhadas, estão ligadas, principalmente, à relação que estes homens tinham com a *phýsis*. Esta relação finalizava na forma de um saber, uma espécie de conhecimento tradicional, que unia todos aqueles que praticavam uma atividade ligada e dependente dos ritmos da natureza. Este saber foi construído através da observação dos sinais da *phýsis*, climáticos, astronômicos ou ambientais, e da verificação da sua eficácia na vida prática. Estes sinais marcavam os momentos propícios para a realização das atividades, tais como: início do plantio ou colheita, momento de abrigar as ovelhas do frio ou da chuva, período propício para a navegação ou a pesca, entre outros⁶.

Este saber, essa capacidade de 'ler' os sinais da *phýsis*, não estava restrita a uma, ou algumas, atividades. Este saber era um conhecimento de todos os atenienses (XENOFONTE, Memoráveis. IV, VII, 4), contudo era utilizado, prioritariamente, para as atividades que exigiam essa capacidade de 'leitura'.

Era na natureza que os atenienses identificavam a passagem do tempo. As estações (TUCÍDIDES, História da guerra do Peloponeso, I, 1) eram a base da cronologia temporal e social para as atividades profissionais, sobretudo, como já

⁵ Podemos identificar, além das atividades agrícolas, a atividade pastoril, o corte da lenha, a produção de derivados do leite de cabra, por exemplo, etc.

⁶ Podemos identificar este 'saber', sobretudo, através de Hesíodo que realizou um trabalho de codificação deste saber com datas sazonais bem precisas. Ver, por exemplo; HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. 618-641; 664-678.

mencionamos, daquelas que dependiam diretamente do ritmo da *phýsis*, dentre elas a pesca. E estas atividades estavam, em grande parte no campo, mas isto não faz, necessariamente, que a pesca possa ser considerada como uma atividade rural.

Os gregos não nasceram homens do mar, eles se tornaram. O mesmo vale para a pesca. Dumont (1981) lembra que o vocabulário da pesca, de uma maneira geral, era derivado das atividades basicamente conhecidas como campesinas mas, também, de termos ligados às atividades guerreiras⁷. Sem contar que alguns utensílios de pesca, como a rede, a armadilha, o arpão, são também utensílios de caça e esta é, como sabemos, uma atividade ligada, originalmente, à aristocracia fundiária de Atenas. Portanto, é bastante lógico a inserção da atividade pesqueira no rol das atividades rurais. Contudo, existem alguns pontos que, se não negam essa afirmação, ao menos servem para inserir uma nuance e, com isso, dar à pesca e ao pescador um caráter muito mais complexo.

As representações iconográficas tendo a pesca como temática se referem, majoritariamente, à pesca de rio ou costeira, àquela onde o resultado era menor e, portanto, nos faz imaginar ser um complemento à agricultura (VIEIRA, 2011). Imagens da pesca no mar para o período são inexistentes. Logo, quando falamos de pescador dentro da produção imagética do período, este é basicamente o pequeno pescador. Muito mais próximo do olhar do outro e muito mais próximo também do chamado espaço rural. Mas não é esse pescador de quem tratamos aqui. Falamos daquele que tem a pesca como sua atividade primeira.

A primeira questão estaria ligada ao local de moradia do pescador. Se concordarmos que a pesca era uma atividade rural, então o pescador habitava a *chôra*? Se levarmos em conta a ideia apresentada de que à *chôra* ateniense havia sido anexado o litoral, a resposta é sim. Mas essa "anexação" é tão simples ou óbvia assim? Quando um pescador é mencionado na documentação, ele é sempre associado ao mar. Ou ele está realizando sua atividade, ou ele é alguém que habita o litoral. Ele é um homem do mar. Aristóteles se preocupa em classificar os diversos gêneros de vida do homem, estes sendo guiados pelas necessidades (ARISTÓTELES, Política I, 1256 a-b). E dentro destas necessidades, está o local de habitação. E o local de habitação dos pescadores é a costa, o litoral.

⁷ Uma parte considerável do vocabulário halieutico seria derivado do termo *als*, 'sal' e, logo, 'mar'. Contudo, alguns instrumentos primordiais para a pesca, a rede, por exemplo, *diktyon* e *bolos*, derivam dos verbos 'lançar' e 'jogar'.

A pesca estava talvez muito mais associada à *chôra*, ou ao que Malagardi chama de 'economia arcaica' por uma associação/comparação à caça aristocrática. O que, em termos de imagem social, não lhe favorecia em nada. Consideramos equivocado negar uma verdadeira "especialização" náutica e pesqueira presente em toda a Parália. O litoral ateniense era o espaço dos homens do mar, pescadores, marinheiros, comerciantes marítimos, e não de camponeses. O pescador nunca chamado de camponês. Ele é sempre o 'pescador' (*halieis, gripeys* in: TEÓCRITO, Thirsis, 39-40), o 'trabalhador do mar' (*thalassourgoi* in: XENOFONTE, Econômico, XVI. 5,7), o 'habitante da costa' (*perí ten thalassan* in: ARISTÓTELES, História dos animais. VIII. 13. 598b, 24), 'o caçador de peixe' (*ichtyous agreyterres* in: PSEUDO-TEÓCRITO, Les pêcheurs, v. 6), 'o lançador de rede' (*diktybolos* in: Antologia Palatina, 'De maercius', 89). O que vem associado a todos estes termos são seus utensílios, sua vida dura, difícil, as suas técnicas, a *métis* que aplica à sua atividade. Não conseguimos identificar nenhuma referência que o associe ao mundo do camponês. São realidades muito diferentes, e, ousado dizer, os atenienses tinham plena consciência disto. A conclusão a que chegamos, portanto, é a de que o primeiro aspecto de ambivalência ligado ao pescador estaria pela própria dificuldade de inseri-lo em um espaço socialmente pré-determinado para ele. A organização do espaço e a constituição de um lugar são construções que se dão no interior de uma sociedade, de forma simbólica (AUGÉ, 1994). No caso, o espaço de atividade do pescador, o mar, não está inserido, como tal, no imaginário da sociedade póliade ateniense. O mar é o espaço, de um lado, do desconhecido, do imprevisível, enfim, do medo. De outro, é o espaço da honra quando associados à marinha. Onde Atenas reinava absoluta mantendo a hegemonia de poder e a coesão entre os cidadãos. A este "lugar" simbólico o pescador não pertence.

Mas, por outro lado, ele não era visto como um camponês, pois seu espaço não era o campo. Mas o campo, a *chôra*, pode ser um lugar simbólico de honra. A *pólis* ateniense do período clássico estava, ainda, profundamente mergulhada em valores rurais. Sabemos que o termo *pólis* nomeia uma sociedade que conjuga o espaço urbano e rural em um território determinado. Contudo, os valores *políades* eram ligados ao espaço rural - *chôra*. Durante a primeira metade do século Vº, o trabalho digno e honesto era o trabalho na terra⁸. O camponês, principalmente o agricultor, e o espaço

⁸ Após a guerra greco-pérsica, incluindo esta, uma série de processos históricos vão contribuir para uma valorização da cidade ao invés do campo. A partir da segunda metade do Vº século, são valorizados os aspectos citadinos, democráticos. Esta mudança visava à própria manutenção da estrutura póliade que

rural representavam o que havia de mais valoroso. E eram esses valores que formavam o perfeito cidadão ateniense: A coragem (*andréia*), a temperança (*sophrosýne*), a bondade (*praótes*), a liberdade (*eleutheriotes*), a verdade (*alétheia*), a reserva (*aidós*), a justa indignação (*gémesis*), a amizade e o amor (*philía*), a piedade (*eusébeia*) e a disciplina (*eutaxía*). Eles estavam vinculados ao duro trabalho nos campos. A labuta na terra é que lapidaria um verdadeiro *polites*.

O campo era também, e é de fato daí que são forjados estes valores, o lugar de honra de uma aristocracia fundiária que tinha a terra como um signo de status, e a caça terrestre, a grande caça, como a atividade nobre formadora do verdadeiro cidadão. Logo, neste "lugar" simbólico também não havia espaço para o pescador.

A construção simbólica do lugar do pescador é a de um "não-lugar". Ele não pertence a esse lugar simbolicamente construído chamado *chôra*, e esse não pertencimento é significativo na construção desse não-lugar, pois o território cívico ateniense era dividido em *ásty* e *chôra*. Ele estaria, na verdade, transitando entre espaços e lugares simbolicamente construídos de uma forma que o excluía. Ele não só transita entre mar e terra - o mar é o 'lugar' de honra da marinha e a terra não é o seu 'lugar' já que ele trabalha no mar- mas, logo de início, ele faz parte de uma *chôra*- que possui um significado simbólico que o exclui- sem ser um camponês e sem realizar uma atividade considerada pela sociedade que o observa como uma atividade camponesa. O mar como lugar de honra não pertence ao pescador; a *chôra* como lugar de honra não o inclui tampouco. A *chôra* como um lugar de honra estava associada idealmente à aristocracia fundiária, aristocracia esta que tinha na caça sua expressão das mais caras.

mostrava sinais de desagregação. E isto deve-se, além de tudo, ao choque da eclosão e posterior derrota na Guerra do Peloponeso. Atenas sai fragilizada e, para não desestruturar-se, procura fortalecer seus valores morais ligando-os ao espaço urbano, lugar da prática política democrática. E isso foi feito ligando esses valores às atividades dos segmentos sociais que formavam a nova elite urbana. Não ocorre uma inversão de valores, mas uma reorganização das categorias culturais, que estavam anteriormente associadas a valores aristocráticos. Era preciso fortalecer a democracia neste momento conturbado. E a melhor forma era valorizar as práticas e saberes do espaço da *ásty*. Contudo, os valores continuam os mesmos e estes foram forjados no campo, local da aristocracia fundiária. Podemos afirmar que os séculos V e IV a.C., foram basicamente caracterizados pelo estado de guerra, mais especificamente, por uma corrida incessante pela hegemonia do mundo grego, com um estado quase que permanente de guerra generalizada, isso sem mencionarmos os vários conflitos localizados. É com a guerra do Peloponeso – 431 a 404, que percebemos uma virada na história grega, seja esta mudança encarada tanto por aspectos econômicos, políticos, sociais ou militares. Dá-se início à desagregação da *pólis*, como quadro essencial da civilização grega, sendo substituída por novos quadros, como a monarquia, que vai imperar durante a época helenística. O século V pode ser caracterizado, também, por aspectos que surgem já com a guerra do Peloponeso, e aos que surgem paralelamente ao conflito, a saber: transformação das técnicas da guerra, conflitos sociais e políticos, e por outros traços, ou seja, uma mudança, ou melhor, uma desagregação dos valores *políades*, valores estes que mantinham a unidade da *pólis* porque mantinham a unidade entre os iguais, entre os cidadãos.

Entendemos, portanto, que o pescador carrega sobre seus ombros o peso de um lugar indefinido. O único lugar, talvez, onde que o pescador poderia fixar raízes seria o de caçador, mas mesmo esse, quando comparado ao caçador terrestre, lhe é negado em parte. A caça terrestre, como vimos, utilizava os mesmos instrumentos que a pesca. O caçador terrestre tinha a obrigação de ser, assim como o pescador, astucioso, flexível e versátil, conhecer os hábitos de sua presa, ser mais inteligente que ela. Se quisesse ser um bom caçador, assim como o pescador, teria que saber usar de sua *métis*. A caça aristocrática, sendo uma atividade formadora do guerreiro-hoplita, se utilizava da *métis* com um fim que redimia a astúcia e “enganação” empregadas, contrariamente ao pescador que tinha na mesma *métis* o apoio a realização de sua atividade com sucesso, mas que não tinha como objetivo final algo tão nobre. Ele lançava mão de toda sua astúcia e inteligência prática visando tão somente à conquista do dia-a-dia, a sobrevivência no cotidiano.

A *métis* do caçador terrestre tinha sido “engolida” por Zeus, e assim como o nascimento de Atena, ela permitiria o “nascimento” do hoplita que defenderia a *pólis*. A *métis* do pescador andava ao seu lado, solta, livre, sem controle. Ela não passava por nenhum processo ‘civilizador’, ‘regulador’, para que assim pudesse ser utilizada se perigos para o corpo social. Não havia um fim nobre para a sua utilização. Não havia nenhuma redenção para esse homem do mar.

Documentação

ARISTÓTELES. *Geração dos Animais*. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

_____. *História dos Animais*. Paris: Les Belles Lettres, 1966

_____. *Política*. Paris: Les Belles Lettres, 1971, 1991

ÉSQUILO. *As Suplicantes, Os Persas, Prometeu, Sete contra Tebas*. London: Loeb, vol. I, 1996.

_____. *Agamemnon, Oréstia, Eumenides, Fragmentos*. London: Loeb, vol. II, 1995.

EURÍPIDES. *Teatro Completo*. Paris: GF- Flammarion, vol. I e II, 1989

HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*. Paris: Belles Lettres, 1986.

HERÓDOTO. *Histórias*. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

_____. *Ilíada*. (tomo I, II, III, IV). Paris: Les Belles Lettres, 1961, 1957.

_____. *Odisséia*. Paris: Les Belles Lettres, 1924.

- OPPIEN. *Cinegética & Halieutica*. London: Loeb, 1928.
- PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*. Paris: Les Belles Lettres, 1998, 2000.
- PLATÃO. *Íon*. Paris: Les Belles Lettres, 1956
- _____. *A República*. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- _____. *Timeu, Crítias, Menexenus*. London: William Heinemann, vol. 9, 1989.
- _____. *As Leis*. London: William Heinemann, 2 vols., 1984.
- SÓFOCLES. *Teatro Completo*. Paris: GF-Flammarion, 1989.
- TEOFRASTO. *De Causis Plantarum*. London: William Heinemann, 3 vols., 1990.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Paris: Les Belles Lettres, 1944.
- XENOFONTE. *Memoráveis, O Econômico*. London: Loeb, 1992.
- _____. *A Arte da Caça*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. São Paulo: Papyrus, 1994.
- BOARDMAN, J. *The Greeks overseas*. Londres: Thames and Hudson, 1980.
- BODSON, L. *I ERA ZWIA. Contribution à l'Étude de la place de l'animal dans la religion grecque ancienne*. Bruxelles: Palais des Académies, 1975
- _____. 'O Rústico', in: VERNANT, Jean-Pierre (org.). *O Homem Grego*. Lisboa: Ed. Presença, 1994.
- FRONTISI-DUCROUX, F. 'L'Image et la Cité'; in: *METIS. Revue d'Anthropologie du Monde Grec Ancien*. Vol IX-X, Paris, 1994-1995, pp. 199-207
- MALAGARDIS, N. 'Images du monde rural Attique à l'époque archaïque', in: *ARXAIOLOGIKH EFHMERIS*. 127, 1988, 95-134
- DETIENNE, M. e VERNANT, J.P. *Les Ruses de l'Intelligence: La Métis des Grecs*. Paris: Flammarion, 1974.
- DUMONT, J. *Halieutika: Recherches sur la pêche dans l'antiquité grecque*. Resumo da tese de doutorado, Paris: Université de Paris IV, 1981.
- DUMORTIER, J. *Les Images dans la poésie d'Eschyle*. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- FARCY, Henry de. *L'Espace Rural*. Paris: 1975.
- FRONTISI-DUCROUX, F. *Dédale: Mythologie de l'Artisan en Grèce Ancienne*. Paris: François Maspero, 1975
- GALLANT, T.W. *A Fisherman's Tale: Analysis of the Potential Productivity of Fishing in the Ancient World*. Cambridge: The Museum of Classical Archaeology, 1985.

LONGO, O. *Le Forme della Predazione. Cacciatori e Pescatori della Grécia Antica*. Nápoles: 1989.

SCHNAPP, Alain. *Représentations de la chasse en Grèce ancienne dans les textes et la céramique de 700 à 300*. Tese de III° ciclo, Université de Paris, 1972.

SÉCHAN, L. 'Légendes grecques de la mer'; in: *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*. Supplément Lettres d'Humanité, tomo XIV. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

SEGAL. Ch. 'Divino e umano nel *Filottete* di Sofocle', in: *Quaderni urbinati di cultura classica*. Roma: Istituto di filologia classica, número 23, 1976, pp. 67-89.

_____. *Tragedy and civilization. An interpretation of Sophocles*. Massachusettes: Cambridge, 1981.

TRENDALL, A.D. & McPHEE, I. *Greek Red-Figured Fish-Plates*. Basel: Vereinigung der Freunde Antiker Kunst, c/o Archäologisches Seminar der Universität, 1987.